



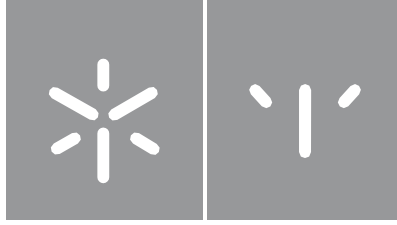
Ana Filipa Rosa

**Adolescência e Violência Sexual Facilitada
pela Tecnologia Pós-Rutura Relacional:
Revisão Sistemática**

Universidade do Minho
Escola de Psicologia







Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Ana Filipa Rosa

**Adolescência e Violência Sexual Facilitada
pela Tecnologia Pós-Rutura Relacional:
Revisão Sistemática**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Psicologia da Justiça

Trabalho efetuado sob a orientação da

Professora Doutora Marlene Matos

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.



**Atribuição-NãoComercial-
Sem Derivações CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

Universidade do Minho, 05 de junho de 2023,

Ana Filipa Amorim Rosa

(Ana Filipa Amorim Rosa)

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 05 de junho de 2023,

Ana Filipa Amorim Rosa

(Ana Filipa Amorim Rosa)

Agradecimentos

À minha orientadora Professora Doutora Marlene Matos agradeço todo o conhecimento, disponibilidade, sugestões de melhoria e confiança em mim depositada. À Dra. Maria Vale toda a partilha de conhecimento, reflexão crítica, dedicação, suporte e motivação. A ambas agradeço por me acompanharem neste percurso formativo, desafiante e de grande aprendizagem, e por me encorajarem ao longo deste caminho.

Aos colegas da equipa de investigação agradeço as críticas construtivas e alento.

A toda a minha família agradeço o ânimo e apoio que sempre me deram. Em particular, aos meus pais e à minha irmã, por me darem as condições para que pudesse fazer este percurso, por me incentivarem e por me ampararem em todos os momentos.

Às minhas amigas, Ana, Catarina e Zaida agradeço por me acompanharem nestes cinco anos, pela amizade, diversão e companheirismo.

Ao Miguel, por toda a paciência, compreensão e força, e por acreditar em mim, mesmo quando eu não acredito.

Por fim, o meu mais sincero obrigada, a todos quantos permitiram a conclusão desta etapa e me auxiliaram ao longo do meu percurso.

Índice

Índice	V
Resumo	VII
Abstract	VIII
Introdução	9
Metodologia	11
I. ESTRATÉGIAS DE PESQUISA E ESTUDO.....	12
II. CRITÉRIOS DE INCLUSÃO E EXCLUSÃO.....	12
III. IDENTIFICAÇÃO E EXTRAÇÃO DOS DADOS	13
IV. QUALIDADE METODOLÓGICA E RISCO DE VIÉS.....	13
Resultados	14
AVALIAÇÃO DA QUALIDADE METODOLÓGICA E RISCO DE VIÉS	14
ANO E REVISTA DE PUBLICAÇÃO E LOCALIZAÇÃO.....	14
CARACTERÍSTICAS DA AMOSTRA.....	15
TIPO DE VIOLÊNCIA SEXUAL FACILITADA PELA TECNOLOGIA E OBJETIVOS.....	15
PRINCIPAIS RESULTADOS	23
PRINCIPAIS RESULTADOS DOS ESTUDOS NUM CONTEXTO DE RUTURA DE UM RELACIONAMENTO ÍNTIMO	23
Discussão	30
CONCLUSÕES E IMPLICAÇÕES.....	33
Referências Bibliográficas:	35

Índice de figuras

Figura 1- FLUXOGRAMA DO PROCESSO DE REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA.....	17
---	-----------

Índice de tabelas

Tabela 1 – AVALIAÇÃO DA QUALIDADE METODOLÓGICA DOS ESTUDOS INCLUÍDOS.....	18
Tabela 2 – CARATERIZAÇÃO DOS ESTUDOS INCLUÍDOS NA REVISÃO SISTEMÁTICA (n=22)	20
Tabela 3 –PRINCIPAIS RESULTADOS DOS ESTUDOS INCLUÍDOS NA REVISÃO SISTEMÁTICA EM CONTEXTO DE RUTURA DE UM RELACIONAMENTO ÍNTIMO.....	25

ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA SEXUAL FACILITADA PELA TECNOLOGIA PÓS- RUTURA RELACIONAL: REVISÃO SISTEMÁTICA

Resumo

Os adolescentes utilizam os dispositivos tecnológicos que têm ao seu dispor para estabelecer relacionamentos íntimos. Este contexto possibilita a violência nas relações de intimidade, nomeadamente, a violência sexual, integrada num conceito amplo que se refere à violência sexual facilitada pela tecnologia, a qual engloba também outros fenómenos (e.g. *sexting*). Este estudo que realizamos consiste numa revisão sistemática da literatura, com o objetivo de identificar investigações acerca da violência sexual facilitada pela tecnologia em adolescentes vítimas, no contexto específico de rutura de um relacionamento íntimo. Seguindo as diretrizes PRISMA, foram realizadas pesquisas, em dezembro de 2022, em sete bases eletrónicas para a inclusão de estudos quantitativos, qualitativos, ou mistos, publicados em Português, Espanhol ou Inglês, sendo que 22 foram considerados elegíveis. A maioria foi publicada muito recentemente (no ano 2022) e desenvolvidos na Europa. Os estudos retratam a prevalência, motivações, impacto, percepções, estratégias de *coping* e outros resultados, no contexto de rutura de relacionamento. De forma geral, os resultados espelham a atualidade do tema e a necessidade de maior investimento científico para os diferentes contextos em que a violência sexual facilitada pela tecnologia ocorre, nomeadamente na população adolescente. Implicações para a prática para investigações futuras são discutidas.

Palavras-chave: Revisão Sistemática, Adolescentes, Violência Sexual Facilitada pela Tecnologia, Rutura Relacional

ADOLESCENCE AND TECHNOLOGY-FACILITATED SEXUAL VIOLENCE POST- RELATIONAL RUPTURE: SYSTEMATIC REVIEW

Abstract

Adolescents utilize the technological devices at their disposal to establish intimate relationships. Within this context, the occurrence of violence in intimate relationships, specifically sexual violence, becomes a reality. This encompasses a broad concept that refers to technology-facilitated sexual violence, which also includes other phenomena such as sexting. The study we conducted consists of a systematic literature review aimed at identifying research on technology-facilitated sexual violence against adolescent victims within the specific context of relationship dissolution. Following the PRISMA guidelines, searches were conducted in December 2022 across seven electronic databases to include quantitative, qualitative, or mixed-method studies published in Portuguese, Spanish, or English. A total of 22 studies were considered eligible. The majority of these studies were published very recently (in 2022) and conducted in Europe. These studies portray the prevalence, motivations, impact, perceptions, coping strategies, and other outcomes within the context of relationship dissolution. Overall, the results reflect the timeliness and relevance of the topic, emphasizing the need for greater scientific investment in understanding the various contexts in which technology-facilitated sexual violence occurs, particularly among the adolescent population. Implications for future research and practice are discussed.

Keywords: Systematic Review, Adolescents, Technology-Facilitated Sexual Violence, Relational Rupture

ADOLESCÊNCIA E VIOLÊNCIA SEXUAL FACILITADA PELA TECNOLOGIA PÓS-RUTURA RELACIONAL: REVISÃO SISTEMÁTICA

Introdução

A adolescência, etapa de transição entre a infância e adultez (12-18 anos) caracteriza-se pela ocorrência de inúmeras alterações biológicas, cognitivas e psicossociais (Gaete, 2015.). Atualmente, este período desenvolvimental, é mediado, em grande parte, pelo acesso e uso diário das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) (Dienlin & Johannes, 2020; Granic et al., 2020).

As TIC são os dispositivos tecnológicos, a internet e as redes sociais, sendo muito usadas principalmente entre a população adolescente. Nos Estados Unidos da América, o mais recente inquérito do *Pew Research Center on the Internet and Technology* documentou que 95% adolescentes tinham acesso a um telemóvel e 46% usavam “quase constantemente” a Internet. O *YouTube* (95%), o *TikTok* (67%), e o *Instagram* (62%) constituíram-se as redes sociais mais usadas (Vogels et al., 2022; *N* = 1,316, 13-17 anos). Na Europa, o recente relatório da EU KIDS Online identificou padrões digitais semelhantes (Smahel et al., 2020; *N* = 21,967, 9-16 anos). Especificamente em Portugal, a maioria dos agregados familiares com adolescentes até aos 15 anos tem acesso à Internet em casa (99,2%), (Instituto Nacional de Estatística, 2022; *N* = 6,594 agregados familiares). Cerca de 87% adolescentes acede à Internet através de *smartphones* (Ponte & Batista, 2019; *N* = 1974, 9-16 anos) e consultar ou partilhar conteúdos no *TikTok* (43,1%), trocar mensagens no *WhatsApp* (38,8%), e consultar ou partilhar conteúdos no *Instagram* (37,1%) representaram as suas principais atividades *online*, consumindo duas ou mais horas num dia de semana típico (Gaspar et al., 2022; *N* = 5,809, 11-15 anos).

É irrefutável que o acesso e uso das TIC satisfaz diferentes necessidades desenvolvimentais dos adolescentes permitindo-lhes, por exemplo, conhecer novas pessoas, construir novas amizades, explorar a sua sexualidade e iniciar relacionamentos íntimos (Lenhart et al., 2015; Strasburger et al., 2019; Widman et al., 2021). No estudo de Lenhart et al. (2015), dos adolescentes americanos inquiridos (*N* = 1,060, 13-17 anos) que já tiveram um relacionamento íntimo, 8% revela que conheceu o parceiro *online*. As TIC também interferem na forma como estas relações se mantêm, permitindo um contacto permanente entre parceiros íntimos e o fortalecimento da relação (Subrahmanyam & Greenfield, 2008; Vaterlaus et al., 2018). Estas são também utilizadas durante o processo de término de relação, demonstrando que atualmente, as TIC interferem nas várias etapas de um relacionamento íntimo (Baker & Carreño, 2015).

Não obstante estas oportunidades, as TIC também, os colocam especialmente vulneráveis a diferentes fenómenos, tais como a violência facilitada pela tecnologia nas relações de intimidade, esta envolve um padrão de comportamentos abusivos, repetidos, intencionais e suscetíveis de causar impacto negativo, que um(a) atual ou ex-parceiro(a) íntimo exerce sobre o(a) outro(a) através da das TIC (Baker & Carreño, 2015; Brown & Hegarty, 2021; Zweig et al., 2013). Trata-se de um fenómeno multidimensional podendo destacar-se diferentes tipologias abusivas: humilhação, controlo/monitorização, ameaças e violência sexual (Brown & Hegarty, 2021). Os comportamentos inerentes às diferentes tipologias abusivas podem ocorrer durante a relação de intimidade e/ou após o término desta (McMillan et al., 2022).

Atualmente, o panorama internacional retrata indicadores de vitimação a oscilarem entre os 5.8% e 92% com as várias tipologias abusivas a serem consideradas, sendo que a violência sexual *online* se destaca com índices variáveis mais elevados, entre 13%-92.6%, (Caridade et al., 2019; N = 44 estudos, 2011-2019, 12-19 anos), reforçando, desde logo, a pertinência e preocupação do investimento científico neste fenómeno.

Concretamente, o debate conceptual em torno do conceito violência sexual facilitada pela tecnologia está, ainda, em curso (Patel & Roesch, 2022). Entretanto, a operacionalização de Powell & Henry (2016) apresenta quatro dimensões: assédio sexual digital; assédio com base no género e/ou sexualidade; abuso sexual baseado em imagens; e agressão e/ou coerção sexual (Henry & Powell, 2016). Estas destacam-se por abordarem diferentes formas vitimação que, em várias combinações, se sobrepõem a construtos mais amplos da literatura (e.g. *sexting* não consensual, pornografia de vingança e *sextortion*). A dimensão relativa ao assédio sexual digital engloba comportamentos tais como solicitações sexuais indesejadas ou mensagens de texto, imagens, comentários, *e-mails* sexualmente explícitos (Henry & Powell, 2016). Tais comportamentos são também caracterizadores do *sexting* não consensual (Barroso et al., 2022). A dimensão do assédio com base no género e/ou sexualidade caracteriza-se por comportamentos como mensagens, comentários ou outros conteúdos ofensivos e/ou degradantes com base no género ou na identidade sexual (Henry & Powell, 2016). O abuso sexual baseado em imagens define-se por comportamentos como a criação de imagens de nudez ou seminudez, o envio destas a outras pessoas ou a sua publicação *online* sem consentimento (Henry & Powell, 2016). Este conceito pode também englobar o fenómeno pornografia de vingança, uma vez que, a literatura tem apontado a existência de outras motivações para estes comportamentos além da vingança, como gratificação sexual ou reforço social (Henry et al., 2019; McGlynn & Rackley, 2017; Walker & Sleath, 2017). Por fim, a dimensão relativa à agressão e/ou coerção sexual inclui comportamentos como usar uma aplicação de encontros/ *dating app* para marcar um encontro com uma pessoa antes de a agredir sexualmente; ameaçar, chantagear ou subornar para exigir a divulgação de informações ou imagens íntimas/sexuais e/ ou

que uma pessoa se envolva em atos sexuais *online* ou pessoalmente (Henry & Powell, 2016). Esta dimensão engloba o fenómeno *sextortion* (Wolak et al., 2018).

A caracterização do perfil das vítimas remete para uma grande diversidade de resultados (Caridade et al., 2019; Fernet et al., 2019; Stonard et al., 2014). Apesar da falta de consenso, os estudos identificam um padrão expressivo: ser do sexo feminino, pertencer a um minoria sexual, usar excessivamente as TIC, apresentar reduzida autoestima em relação à aparência, ter problemas de saúde mental (ansiedade e depressão), pertencer a uma família monoparental e ter baixos níveis de coesão familiar, ter sido vítima de negligência e/ou abuso físico, psicológico ou sexual na infância, ser vítima de *cyberbullying* (Barroso et al., 2021; Frankel et al., 2018; Muncaster & Ohlsson, 2020; Pederson et al., 2023; Sciacca et al., 2023).

As consequências físicas e psicológicas nefastas que acarreta para os adolescentes são unânimes: *stress*, baixa auto-estima, tristeza, culpa e preocupação, ansiedade, depressão, comportamentos autolesivos não suicidários e ideação suicida, perturbação de *stress* pós-traumático, (Mandau, 2021; Patel & Roesch, 2022).

Apesar de existirem algumas revisões sistemáticas sobre a violência facilitada pela tecnologia nas relações de intimidade, estas focam-se, indistintamente, em adolescentes e adultos, em várias tipologias abusivas, e em diferentes momentos da trajetória relacional (e.g., Caridade et al., 2019; Fernet et al., 2019; Patel & Roesch, 2022). Porém, a evidência empírica focada na violência sexual é consensual em apontar uma extensão preocupante entre os adolescentes (Caridade et al., 2019), o contexto pós-rutura como a principal motivação (Dodge, 2021; Walker & Sleath, 2017), o elevado risco de revitimação (e.g. Henry et al., 2022), bem como, o impacto negativo para as vítimas (Mandau, 2021; Patel & Roesch, 2022), constituindo-a como uma faceta específica deste tipo de violência.

Face ao exposto, esta revisão sistemática procura analisar o conhecimento disponível sobre esta temática, bem como, aquele que ainda está por explorar. Procura, assim, responder às seguintes questões de investigação: a) qual é a prevalência de violência sexual facilitada pelas tecnologias em contexto pós rutura, entre adolescentes; b) quais são as as motivações, o impacto, estratégias de *coping* e percepções, dos adolescentes vítimas, acerca da violência sexual facilitada pela tecnologia?

Metodologia

A atual revisão sistemática foi conduzida de acordo com as diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews and Meta-Analysis* (PRISMA), que permite estruturar a forma de identificar e reportar as

evidências científicas encontradas, reduzindo risco de viés (Moher et al., 2009). Esta revisão sistemática foi registrada na plataforma PROSPERO (ID: CRD42022358550).

i. Estratégias de pesquisa e estudo

Considerando os múltiplos construtos que têm sido utilizados para operacionalizar a violência sexual facilitada pela tecnologia, foram utilizadas duas equações de pesquisa. Inicialmente, incluíram-se palavras-chave pré-estabelecidas que abordam especificamente o construto: (adolescen* OR teen* OR youth* OR juvenile* OR young* OR minor* OR "middle school student*" OR "high school student*") AND ("image based sexual abuse" OR "technology facilitated sexual violence" OR sext* OR "non consensual sext*" OR "abusive sext*" OR "not allow* sext*" OR "sext* under pressure" OR "aggravat* sext*" OR "revenge porn*" OR "non consensual porn*") AND (breakup* OR "post breakup*" OR "post separation" OR "post termination" OR "post dissolution" OR "ex girlfriend*" OR "ex boyfriend*" OR "ex intimate partner*" OR "ex lover*"). Para identificar estudos que abordem estes fenômenos sem referir estas palavras-chave, recorreu-se a uma segunda equação de pesquisa, combinando palavras-chave relacionadas com as TIC e palavras-chave relacionadas com a violência sexual: (adolescen* OR teen* OR youth* OR juvenile* OR young* OR minor* OR "middle school student*" OR "high school student*") AND (cyber* OR technolog* OR digital OR internet OR online OR electronic) AND ("sexual aggression*" OR "sexual abuse*" OR "sexual coercion*" OR "sexual pressure*" OR "sexual harassment*" OR "sexual exploitation*" OR "sexual assault*" OR "sexual misconduct*" OR "sexual molestation*" OR "sexual bullying" OR sextortion) AND (breakup* OR "post breakup*" OR "post separation" OR "post termination" OR "post dissolution" OR "ex girlfriend*" OR "ex boyfriend*" OR "ex intimate partner*" OR "ex lover*"). Dois investigadores independentes consultaram as seguintes bases de dados: APA Psycarticles, APA PsycINFO, Academic Search Complete, Embase, PubMed, Scopus e Web of science. A pesquisa abrangeu todos os estudos disponíveis até 16 de Dezembro de 2022, inclusive, e restringiu-se a títulos, resumos e palavras-chave em português, espanhol ou inglês. Paralelamente, esta pesquisa foi complementada com um procedimento de pesquisa manual (por exemplo, revisão bibliográfica de estudos relevantes).

ii. Critérios de inclusão e exclusão

A seleção dos estudos respeitou os seguintes critérios de inclusão: a) estudos com uma população adolescente, com idades compreendidas entre os 12 e os 18 anos; b) estudos que abordam a violência sexual facilitada pela tecnologia; c) estudo que integram o contexto da rutura relacional; d) estudos com uma metodologia quantitativa, qualitativa ou mista; e) estudos publicados em Português, Inglês ou Espanhol. Para que um estudo fosse excluído, deveria apresentar um ou mais dos seguintes critérios: a) estudos com

população adulta; b) estudos que não abordavam a violência sexual facilitada pela tecnologia; c) estudos que não integram o contexto da rutura relacional; d) revisões sistemáticas, artigos conceituais e artigos não publicados, literatura cinzenta, legislação, notícias, capítulos de livros; e) estudos publicados num idioma diferente do Português, Inglês ou Espanhol.

iii. Identificação e extração dos dados

Os estudos identificados foram importados para o *software* Rayyan (Ouzzani et al., 2016). Os duplicados foram removidos. Os títulos e resumos foram examinados por dois revisores independentes, que procederam à inclusão de possíveis estudos relevantes (primeira triagem). Posteriormente, leituras integrais foram realizadas por dois revisores independentes, para garantir que os critérios de inclusão fossem cumpridos (segunda triagem). Incerteza ou desacordo nestas fases foi resolvida por consenso e, se não fosse possível tomar uma decisão, podia ser consultado um terceiro revisor independente. Os dados extraídos incluíram: a) identificação do estudo (e.g. autor(es), o ano de publicação, localização geográfica, revista); b) características da amostra (e.g. número de participantes, idade, género); c) *design* do estudo; d) tipo de violência sexual facilitada pela tecnologia; e) resultados de interesse, objetivos e principais conclusões do estudo.

iv. Qualidade Metodológica e Risco de Viés

Para aferir a qualidade e o risco de viés dos estudos incluídos nesta revisão sistemática, recorreu-se ao *Mixed Methods Appraisal Tool* (MMAT; Hong et al., 2018), uma *checklist* que permite avaliar a qualidade metodológica de estudos com diferentes *designs* (e.g. qualitativos, quantitativos descritivos, métodos mistos). Esta ferramenta contempla duas questões de triagem e cinco critérios metodológicos distintos. Cada um destes critérios pode ser classificado como “Sim”, “Não” ou “Não sei dizer”, e se/quando necessário pode ser reportado, um índice de qualidade global (20%, até 100% de critérios de qualidade cumpridos). Os estudos com uma classificação de elevada qualidade metodológica traduzem um baixo risco de enviesamento, enquanto uma classificação de baixa qualidade metodológica traduz um elevado risco de enviesamento. No caso do MMAT, a exclusão de estudos com baixa qualidade metodológica é geralmente desaconselhada. Paraleamente, o grau de acordo entre os interavaliadores foi calculado através do coeficiente kappa de Cohen (κ) que pode variar entre -1 e +1: ≤ 0 indica ausência de concordância; 0,01-0,20 indica concordância nula ou ligeira; 0,21-0,40 indica concordância justa; 0,41-0,60 indica concordância moderada; 0,61-0,80 indica concordância substancial; 0,81-0,99 indica concordância quase perfeita, e 1 indica concordância perfeita (McHugh, 2012). O processo de avaliação da qualidade foi efetuado por dois revisores independentes.

Incerteza ou desacordo nestas fases foi resolvida por consenso e, se não fosse possível tomar uma decisão, podia ser consultado um terceiro revisor independente.

Resultados

Da pesquisa nas bases de dados resultaram 4110 estudos, dos quais 441 eram duplicados e foram consequentemente eliminados. Assim, 3669 foram selecionados, com base no título, resumo e palavras-chave, para a análise da elegibilidade. Desta análise, 3625 foram excluídos porque os critérios de inclusão não foram cumpridos. Como resultado, 44 estudos foram selecionados para a leitura integral, 17 foram incluídos e 27 foram excluídos por três motivos: a sua amostra não incluiu adolescentes, o estudo não abordou violência sexual facilitada pela tecnologia ou o estudo não integrou o contexto de rutura relacional. Cinco estudos foram adicionados através do procedimento de busca manual. Em suma, 22 estudos foram incluídos nesta revisão e os dados que foram extraídos de cada um deles encontram-se na tabela 2. Os estudos incluídos foram assinalados com um “*” na secção de referências. A Figura 1 apresenta uma descrição do PRISMA, discriminando o processo de identificação, selecção, elegibilidade e inclusão.

Avaliação da qualidade metodológica e risco de viés

Predominantemente, os estudos apresentam uma metodologia qualitativa (n=18) (e.g. Aborisade, 2022 e Walker et al., 2013), seguido de três estudos quantitativos descritivos (e.g. Rey et al., 2021) e um com métodos mistos (Reed et al., 2020). A avaliação da qualidade revelou que dezanove estudos atenderam a 100% dos critérios de qualidade (e.g. Aborisade, 2022) e três estudos atenderam a 60% desses critérios (Reed et al., 2019; Reed et al., 2020; Rey et al., 2021). Os critérios que resultaram em indicadores de avaliação global mais baixas incluíram a falta de representatividade da amostra e a falta de informação relativa ao viés de “não resposta”. O índice de acordo revelou uma concordância elevada entre os revisores, de 0.90. A avaliação detalhada de qualidade de cada critério e o índice de qualidade global dos estudos incluídos estão representados na tabela 1.

Ano e Revista de Publicação e Localização

Os estudos foram publicados entre o ano 2013 e 2022. O ano em que mais estudos foram publicados foi 2022 (n=8) (Aborisade, 2022; Eek-Karlsson et al., 2022, Henry et al., 2022; Henry et al., 2022; Huber, 2022; Meehan, 2022; Perry et al., 2022; Powell et al., 2022), seguido do ano 2019 (n=4) (Johansen et al., 2019; Reed et al., 2019; Ridder, 2019; Setty, 2019). A maior parte dos estudos foi realizada na Europa (n=10), nomeadamente na Bélgica (n=2) (Ridder, 2019; Van Ouytsel et al., 2017), Dinamarca (n=2) (Johansen et al., 2019; Mortensen, 2020), Espanha (n=1) (Rey et al., 2021), Inglaterra (n=2) (Setty, 2019; Setty, 2020), Países Baixos (n=1) (Naezer & Oosterhoutb, 2021), Reino Unido (n=1) (Huber, 2022) e

Suécia (n=1) (Eek-Karlsson et al., 2022), seguindo-se a América (n=6), concretamente Estados Unidos da América (n=5) (Eaton et al., 2021; Hasinoff, 2017; Lippman & Campbell, 2014; Reed et al., 2019; Reed et al., 2020) e Canadá (n=1) (Perry et al., 2022). Segue-se a Oceânia (n=3) onde os estudos se realizaram na Austrália (n=1) (Walker et al., 2013) e na Nova Zelândia (n=2) (Henry et al., 2022; Meehan, 2022). Dois estudos são transculturais e foram realizados na Austrália, Reino Unido e Nova Zelândia (Henry et al., 2022; Powell et al., 2022). Maioritariamente, os estudos foram publicados em jornais e revistas científicas que versam sobre a adolescência e juventude (e.g. Reed et al., 2019), violência interpessoal (e.g. Powell et al., 2022), vitimologia (e.g. Huber, 2022) e sexualidade (e.g. Meehan, 2022).

Caraterísticas da amostra

Os estudos abrangeram 21 amostras independentes, uma vez que, dois recorreram à mesma amostra (Setty, 2019; Setty, 2020). O tamanho das amostras variou entre 3 (Mortensen, 2020) e 6162 participantes (Powell et al., 2022). A idade dos participantes variou entre os 11 anos (e.g. Eek-Karlsson et al., 2022) e os 64 anos (e.g. Powell et al., 2022). Na maioria dos estudos (n=12) os participantes encontravam-se numa faixa etária entre os 11 e os 20 anos. Importa destacar que, foram incluídos estudos que abrangiam amostras de jovens adultos ou adultos quando a experiência de abuso era retrospectiva (e.g. Naezer & Oosterhoutb, 2021) ou o estudo contemplava um grande espectro de idades (e.g. Powell et al., 2022).

A maioria das amostras era mista em termos de género, tendo participantes que se identificavam com o género feminino, masculino ou outro (e.g. Powell et al., 2022). Algumas amostras (n=5) eram exclusivamente compostas por participantes que se identificavam com o género feminino (e.g. Reed et al., 2019). Dois estudos não mencionaram explicitamente o género dos participantes (Meehan, 2022; Ridder, 2019). Adicionalmente, foram ainda incluídos dois estudos cujo objeto de análise foram notícias ou artigos de jornal dos *mass media* (Eaton et al., 2021; Hasinoff, 2017).

Tipo de violência sexual facilitada pela tecnologia e objetivos

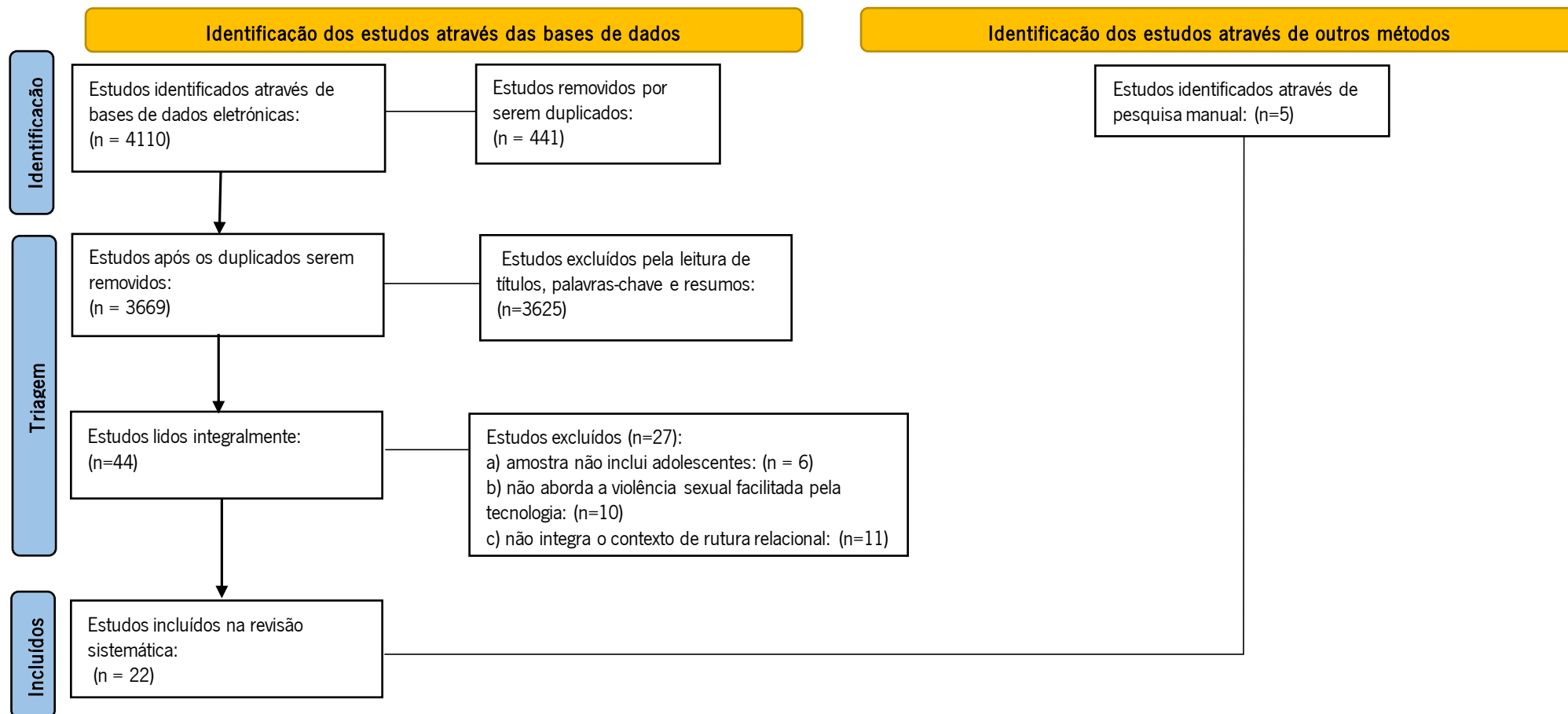
A maioria dos estudos abordou o *sexting* (n=11) (e.g. Lippman & Campbell, 2014) e abuso sexual baseado em imagens (n=5) (e.g. Huber, 2022). Os restantes relataram o assédio sexual (n=2) (Eek-Karlsson et al., 2022; Reed et al., 2019), pornografia não consensual (Eaton et al., 2021), partilha não consensual de fotografias ou vídeos íntimos/sexuais (*nudes*) (Johansen et al., 2019), agressão sexual digital (Mortensen, 2020) e abuso digital no namoro (Reed et al., 2020). Mesmo que a denominação utilizada seja distinta, não raras vezes, incluía os mesmos comportamentos descritos como caracterizadores do fenómeno (e.g. Aborisade, 2022 e Eaton et al., 2021).

Maioritariamente, os estudos analisaram as experiências de vitimação em termos de percepções (e.g. Ridder, 2019), motivações (e.g. Henry et al., 2022), estratégias de *coping* (e.g. Mortensen, 2020) e impacto (e.g. Huber, 2022)). Outros estudos tinham ainda o objetivo de fazer uma análise ao enquadramento legal (e.g. Hasinoff, 2017). Um estudo teve como propósito o desenvolvimento e validação de um questionário para adolescentes acerca do *sexting* (Rey et al., 2021).

Alguns estudos (n=4) analisaram também os perpetradores, fornecendo conjuntamente dados relevantes sobre as experiências de vitimação como, por exemplo, sobre a prevalência (Reed et al., 2019) e sobre a relação vítima-perpetrador (e.g. Powell et al., 2022).

Figura 1

Fluxograma do processo da revisão sistemática da literatura.



Nota: Adaptado de Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T. C., Mulrow, C. D., Shamseer, L., Tetzlaff, J. M., Akl, E. A., Brennan, S. E., Chou, R., Glanville, J., Grimshaw, J. M., Hróbjartsson, A., Lalu, M. M., Li, T., Loder, E. W., Mayo-Wilson, E., McDonald, S., ... Moher, D. (2021). The PRISMA 2020 statement: An updated guideline for reporting systematic reviews. *Journal of Clinical Epidemiology*, 134, 178–189. <https://doi.org/10.1016/j.jclinepi.2021.03.001>

Tabela 1

Avaliação da qualidade metodológica dos estudos incluídos

Autor, Ano	Triagem ¹		Qualitativo ²					Quantitativo descritivo ³					Métodos Mistos ⁴					Índice de Qualidade ⁵
	Q1	Q2	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	Q1	Q2	Q3	Q4	Q5	
Aborisade (2022)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Eaton et al. (2021)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Eek-Karlsson et al. (2022)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Hasinoff (2017)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Henry et al. (2022)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Henry et al. (2022)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Huber (2022)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Johansen et al. (2019)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Lippman & Campbell (2014)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Meehan (2022)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Mortensen (2020)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Næzer & Oosterhoutb (2021)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Perry et al. (2022)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Powell et al. (2022)	Sim	Sim						Sim	Sim	Sim	Sim	Sim						*****
Reed et al. (2019)	Sim	Sim						Sim	Não	Sim	Não	sei	Sim					***
Reed et al., (2020)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Não	Sim	Não	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	***
Rey et al. (2021)	Sim	Sim						Sim	Não	Sim	Não	sei	Sim					***
Ridder (2019)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Setty (2019)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Setty (2020)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Van Ouytsel et al. (2017)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****
Walker et al., (2013)	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim	Sim											*****

Nota.

Questões de triagem. Q1 =As questões de investigação são claras?; Q2 =Os dados recolhidos permitem abordar a questão de investigação?.

Qualitativo. Q1 =A abordagem qualitativa é adequada para responder à questão de investigação?; Q2 =O método de recolha de dados qualitativos é adequado para abordar a questão de investigação?; Q3 =Os resultados derivam adequadamente dos dados ?;Q4 = A interpretação dos resultados é suficientemente fundamentada pelos dados?;Q5 = Existe coerência entre a fonte dos dados qualitativos, recolha, análise e interpretação?.

Quantitativo descritivo. Q1 = A estratégia de amostragem é relevante para abordar a questão de investigação?; Q2 = A amostra é representativa da população alvo?; Q3 = As medidas são apropriadas?; Q4 = O risco de viés de “não resposta” é baixo?; Q5 = A análise estatística é apropriada para responder à questão de investigação?.

Métodos Mistos. Q1 = Existe uma justificação adequada para usar um *design* de métodos mistos para abordar a questão de investigação?; Q2 = As duas componentes do estudo estão efetivamente integradas para responder à questão de investigação?; Q3 = Os resultados da integração das componentes qualitativa e quantitativa são interpretados adequadamente?; Q4 = As divergências e inconsistências entre resultados quantitativos e qualitativos são adequadamente tratadas?; As diferentes componentes do estudo seguem os critérios de qualidade de cada tradição dos métodos envolvidos?.

⁵ Índice de qualidade. 1*= 20% dos critérios de qualidade cumpridos; 2* ou 40% dos critérios de qualidade cumpridos; 3*** ou 60% dos critérios de qualidade cumpridos; 4**** ou 80% dos critérios de qualidade cumpridos; 5***** ou 100% dos critérios de qualidade cumpridos.

Tabela 2

Caraterização dos estudos incluídos na revisão sistemática (n=22)

Autor(es), ano de publicação e Revista/Jornal	País de publicação	Características da amostra [N; género com o qual se identificam (Feminino (F), Masculino (M) ou outro) e faixa etária]	Tipo de violência sexual facilitada pela tecnologia	Objetivos do estudo	Design do Estudo	
Aborisade (2022) - <i>Sexuality Research and Social Policy</i>	Nigéria	N=27; género F=27; 16-45 anos	Abuso sexual baseado em imagens	Analisar a experiência das vítimas de abuso sexual baseado em imagens (percepções, relação com o perpetrador, impacto e estratégias de coping)	Qualitativo (entrevistas)	
Eaton et al. (2021) - <i>Trauma, Violence & Abuse</i>	Estados Unidos da América	366 artigos de notícias dos <i>mass media</i>	Pornografia consensual	não	Avaliar as estratégias de abuso da roda do poder e do controlo utilizadas pelos perpetradores	Qualitativo (análise de conteúdo)
Eek-Karlsson et al. (2022) - <i>Sexuality & Culture</i>	Suécia	N= 28; género F=28; 11-18 anos	Assédio sexual (<i>online e offline</i>)	Analisar as experiências das vítimas e as estratégias de coping	Qualitativo (entrevistas semiestruturadas)	
Hasinoff (2017) - <i>International Journal of Cyber Criminology</i>	Estados Unidos da América	Artigos de notícias e entrevistas dos <i>mass media</i>	<i>Sexting</i> não consensual	Analisar o discurso social e o enquadramento legal de um caso	Qualitativo (estudo de caso/ análise de discurso)	
Henry et al. (2022) - <i>Violence Against Women</i>	Austrália, Nova Zelândia e Reino Unido	N= 30; género F=29, género diverso= 1; 18-40+ anos	Abuso sexual baseado em imagens	Analisar as experiências das vítimas, percepções e motivações dos perpetradores, num contexto de relacionamento íntimo ou de rutura	Qualitativo (entrevistas semiestruturadas)	
Henry et al. (2022) - <i>Criminology & Criminal Justice</i>	Nova Zelândia	N= 25; género F=23, M=1 e "sem género"=1; 18-50+ anos	Abuso sexual baseado em imagens	Analisar as experiências das vítimas, impacto e as respostas legais existentes	Qualitativo (entrevistas semiestruturadas)	
Huber (2022) - <i>International Review of Victimology</i>	Reino Unido	N=17; género F=17; 19-46 anos (no momento da entrevista)	Abuso sexual baseado em imagens	Examinar as experiências das vítimas o impacto	Qualitativo (entrevistas semiestruturadas)	

Autor(es), ano de publicação e Revista/Jornal	País	Características da amostra [N; género com o qual se identificam (Feminino (F), Masculino (M) ou outro) e faixa etária]	Tipo de violência sexual facilitada pelas tecnologias	Objetivos	Design
Johansen et al. (2019) - <i>Culture, Health & Sexuality</i>	Dinamarca	N= 90; género F=52, M=38, 15-27 anos	Partilha não consensual de <i>nudes</i>	Compreender as dinâmicas associadas à partilha não consensual de <i>nudes</i> , como uma forma de <i>visual gossip</i> , em jovens dinamarqueses e as suas perceções, à luz da teoria de Merry, 1997	Qualitativo (<i>focus group</i> e entrevistas)
Lippman & Campbell (2014) - <i>Journal of Children and Media</i>	Estados Unidos da América	N=51; género F=25, M=26; 12-18 anos (M=14.55, DP=1.83)	<i>Sexting</i> não consensual	Compreender as motivações, perceções, diferenças de género e de idade, em adolescentes	Qualitativo (<i>focus group</i> e questionários)
Meehan (2022) - <i>Sexualities</i>	Nova Zelândia	N= 106; 12-16 anos	<i>Sexting</i> . Consentimento, criação e partilha de imagens íntimas	Analisar a perceção dos jovens acerca do consentimento para a criação e partilha de imagens íntimas	Qualitativo (entrevistas em grupo)
Mortensen (2020) - <i>Society of Media researchers In Denmark</i>	Dinamarca	N=3	Agressão sexual digital	Explorar as experiências e compreender o papel do contexto público e social para a vergonha e as estratégias de <i>coping</i> utilizadas	Qualitativo
Naezer & Oosterhoutb (2021) - <i>Journal of Gender Studies</i>	Países Baixos	N=21; 15 perpetradores, género F=9 M=6; 4 <i>bystanders</i> ; género F=2 M=2; 2 vítimas, género F=2; 15-21 anos na altura da entrevista; (14-18 anos no momento do abuso)	<i>Sexting</i> . Partilha não consensual de imagem	Explorar o fenómeno da partilha não consensual de imagem, especialmente, as motivações dos perpetradores	Qualitativo (entrevistas)
Perry et al. (2022) - <i>Young</i>	Canadá	N=115, género F=67 e M=48; 13-19 anos (M= 15)	<i>Sexting</i> não consensual	Explorar as experiências, motivações e significados que os jovens atribuem ao <i>sexting</i> e aos riscos que correm <i>online</i>	Qualitativo (<i>focus group</i>)
Powell et al. (2022) - <i>Journal of Interpersonal Violence</i>	Austrália, Nova Zelândia e Reino Unido	N=6162, género F=3 181, M=2 928, transgénero= 26 e não binário= 27; (M= 39.02; DP =13.47); 16-64 anos	Abuso sexual baseado em imagens	Explorar a perpetração, analisando diferenças de género, o tipo de relação entre vítima e perpetrador e as características que estão correlacionadas com a perpetração	Quantitativo descritivo

Autor(es), ano de publicação e Revista/Jornal	País	Características da amostra [N; género com o qual se identificam (Feminino (F), Masculino (M) ou outro) e faixa etária]	Tipo de violência sexual facilitada pela tecnologia	Objetivos	Design
Reed et al. (2019) - <i>Journal of Adolescence</i>	Estados Unidos da América	N=159; género F=159; 15-19 anos	Assédio sexual <i>online</i>	Avaliar e descrever a prevalência, os perpetradores e impacto	Quantitativo descritivo
Reed et al. (2020) - <i>Children and Youth Services Review</i>	Estados Unidos da América	N=262; género F= 57.1%, M=42.5%, outro= 0.4%; 14-18 anos	Abuso digital no namoro	Analisar as perceções dos jovens acerca das suas piores experiências de abuso digital no namoro e se existem diferenças de género	Métodos mistos
Rey et al. (2021) - <i>Psicothema</i>	Espanha	N= 1362, género F=51.1% e M=48.9%; 12-18 anos (M=14,28; DP=1,50)	<i>Sexting</i> não consensual	Desenvolver e validar um questionário e explorar diferenças de género no instrumento	Quantitativo descritivo
Ridder (2019) - <i>European Journal of Cultural Studies</i>	Bélgica	N=38; 15-18 anos	<i>Sexting</i> não consensual	Explorar as perceções dos jovens acerca do <i>sexting</i>	Qualitativo (<i>focus group</i>)
Setty (2019) - <i>Sex Roles</i>	Inglaterra	N=41; género F= 16, M=23 e género fluido= 2; 14-18 anos	<i>Sexting</i> não consensual	Explorar as práticas e perceções dos jovens acerca do <i>sexting</i> , significado social e normas culturais associados ao género e às implicações da prática de <i>sexting</i>	Qualitativo (entrevistas semiestruturadas de grupo e individuais)
Setty (2020) - <i>Journal of Youth Studies</i>	Inglaterra	N=41; género F= 16, M=23 e género fluido= 2; 14-18 anos	<i>Sexting</i> não consensual	Explorar perceções relativamente ao risco, impacto e padrões de género	Qualitativo (entrevistas)
Van Ouytsel et al. (2017) - <i>Journal of Youth Studies</i>	Bélgica	N=57; género F=38 e M=19; 15-18 anos	<i>Sexting</i> não consensual	Analisar perceções dos adolescentes (i.e meios, motivações e consequências)	Qualitativo (<i>focus group</i>)
Walker et al. (2013) - <i>Journal of Adolescent Health</i>	Austrália	N= 33; género F=18 e M=15; 15-20 anos	<i>Sexting</i> não consensual	Analisar as perceções dos adolescentes	Qualitativo (entrevistas semiestruturadas)

Principais resultados

Apenas um estudo abordou exclusivamente o contexto de rutura de um relacionamento íntimo (Hasinoff, 2017), sendo que os restantes integraram, também, outros contextos (e.g. relacionamento íntimo, amizade, entre outros). Na tabela 3 encontram-se os principais resultados dos estudos num contexto de rutura de um relacionamento íntimo. Os resultados dos estudos cuja amostra inclui outras populações além dos adolescentes encontram-se marcados, nas tabelas, com asterisco (quando não é possível isolar os resultados para essa população nesses mesmos estudos).

Principais resultados dos estudos num contexto de rutura de um relacionamento íntimo

Focando no contexto de rutura de um relacionamento íntimo, estes estudos fornecem resultados relativamente à prevalência (n=2), motivações (n=5), impacto (n=2), estratégias de *coping* (n=2), percepções (n=10), e, ainda, outros resultados (n=2).

Considerando a prevalência, e os comportamentos relativos ao abuso sexual de imagens, verificou-se que: 24.2% dos adolescentes reportou ter sido alvo de ameaças relativas à distribuição das suas imagens íntimas/sexuais, 21.6% de distribuição não consensual de imagens íntimas/sexuais e 17.8% de criação de imagens íntimas/sexuais sem o seu consentimento (Powell et al., 2022). Paralelamente, Reed et al. (2019), focados no assédio sexual, constataram que 16.7% reportou ter sido alvo de partilha não consensual de imagens íntimas/sexuais, 10.3% de pressão para enviar uma fotografia íntima/sexual, 9.4% de solicitações sexuais indesejadas e 3.4% de mensagens ou fotografias íntimas/sexuais indesejadas.

Na perspectiva das vítimas, estes comportamentos tenderam a ser motivados porque o(a) ex-parceiro(a) íntimo(a) ambicionava exercer poder e controlo (Henry et al., 2022), punir, humilhar, envergonhar (Henry et al., 2022; Henry et al., 2022), intimidar (Henry et al., 2022), manter a relação de intimidade ou evitar o seu término (Henry et al., 2022; Johansen et al., 2019), vingar-se (Naezer & Oosterhoutb (2021), ou “retribuir” pelo término desta (Aborisade, 2022; Henry et al., 2022).

Na sequência desses comportamentos, várias consequências psicossociais foram reportadas: baixa auto-estima, perda de confiança, sentimentos de inutilidade, isolamento, a rutura de relações sociais (Huber, 2022) e vergonha (intensificada pelo contexto em que as imagens foram distribuídas, a família) (Mortensen, 2020). Importa que, por exemplo, o estudo de Reed et al. (2020), constatou que ser alvo de insultos relativos à sexualidade, como forma de retaliação pelo término, foi considerada uma das piores experiências de violência pelos adolescentes.

Relativamente às estratégias de *coping* adotadas pelas vítimas, estas afirmaram ter normalizado ou evitado o problema (Eek-Karlsson et al., 2022; Mortensen, 2020) e/ou ter procurado ajuda junto de autoridades policiais ou judiciais (Mortensen, 2020).

Por fim, os dados ilustraram que a violência sexual facilitada pelas tecnologias é percecionada como algo errado ou negativo (Johansen et al., 2019; Setty, 2019), porém um risco quase “inevitável” no momento da rutura relacional (Lippman & Campbell, 2014; Meehan, 2022; Perry et al., 2022). Os estudos reportam também percepções acerca das motivações como a vingança, chantagem ou ameaça (Van Ouytsel et al., 2017; Ridder, 2019; Walker et al., 2013). Importa também destacar a percepção relatada por participantes do género masculino de que a violência sexual facilitada pelas tecnologias é mais grave quando a vítima é uma parceira actual ou uma ex-parceira (Setty, 2020). Ainda, o estudo de Hasinoff (2017) informou que o o sistema legal percecionou o perpetrador como um predador sexual, cujas acções foram muito prejudiciais e a comunicação social percecionou a vítima como culpada.

Outros resultados complementares referiram-se à utilização, por parte dos perpetradores, de estratégias de abuso patentes na Roda do Poder (Pence & Paymar, 1993), nomeadamente, a estratégia de abuso emocional; estratégia de coerção e ameaças e a estratégia da negação/ culpa/ minimização (Eaton et al., 2021). No estudo de Rey et al., (2021) o instrumento desenvolvido e validado prevê que as principais vítimas e perpetradores sejam parceiros íntimos, ex-parceiros íntimos e amigos.

Tabela 3.

Principais resultados dos estudos incluídos na revisão sistemática, em contexto de rutura de relacionamento íntimo

Autor(es) e ano de publicação	Principais resultados					
	Prevalência	Motivações reportadas pelas vítimas	Impacto	Estratégias de <i>Coping</i>	Perceções	Outros
Aborisade (2022)		**Término do relacionamento (n=4)				
Eaton et al. (2021)						**Estratégias da Roda do Poder utilizadas pelo perpetrador: abuso emocional (pelo menos, n=5); estratégia de coerção e ameaças (pelo menos, n=1) e a estratégia da negação/culpa/minimização (pelo menos, n=1)
Eek-Karlsson et al. (2022)				Estratégia de <i>coping</i> comportamental focada no problema (n=1)		
Hasinoff (2017)				O sistema legal concebe o perpetrador como um predador sexual e considerou as suas acções altamente prejudiciais; a comunicação social culpou a vítima e apoiou o perpetrador, colocando a descoberto falhas na compreensão e na resposta à violação da privacidade sexual nos Estados Unidos da América		

(continuação na página seguinte)

Autor(es) e ano de publicação	Principais resultados					
	Abuso em contexto de rutura de relacionamento íntimo					
	Prevalência	Motivações	Impacto	Estratégias de <i>Coping</i>	Perceções	Outros
Henry et al. (2022)		***"Retribuição" foi indicada por alguns participantes; exercer poder e controlo (n=2); intimidação (pelo menos, n=2); tentativa de manter o relacionamento(pelo menos, n=5); punir/ humilhar (pelo menos, n=3)				
Henry et al. (2022)		** Muitos dos perpetradores que ameaçavam partilhar as imagens íntimas, com o intuito de punir, humilhar e envergonhar as vítimas, eram ex-parceiros				
Huber (2022)			Baixa auto-estima, perda de confiança, sentimentos de inutilidade, isolamento, rutura de relações sociais (n=1)			
Johansen et al. (2019)		**Manter o relacionamento (n=1)			** Percecionado como negativo/incorrecto (n=1)	
Lippman & Campbell (2014)					Percecionado como perigoso, e o abuso quase como inevitável	
Meehan (2022)					Percecionado como um risco; e a nudes como "moeda de troca" para o futuro	

Autor(es) e ano de publicação	Principais resultados					
	Abuso em contexto de rutura de relacionamento íntimo					
	Prevalência	Motivações	Impacto	Estratégias de <i>Coping</i>	Perceções	Outros
Mortensen (2020)			** Relato de vergonha (intensificada pelo contexto em que as imagens foram distribuídas, a família) (n=1)	**Estratégias de <i>coping</i> utilizadas: normalizar o problema (a sexualidade digital em jovens, negociar o que se entende por agressão sexual digital) e procura de justiça		
Naezer & Oosterhoutb (2021)		Vingança				
Perry et al. (2022)					Participantes do género feminino percecionam o <i>sexting</i> como um risco (na rutura da relação podem ser ameaçadas com as imagens partilhadas no contexto do <i>sexting</i>), contrariamente aos participantes do género masculino	
Powell et al. (2022)		**Relativamente à relação entre vítima e perpetrador, as vítimas eram ex – parceiros, no comportamento de a) tirar/criar imagens íntimas/sexuais sem consentimento, 17.8%; b) distribuição não consensual de imagens íntimas/sexuais 21.6%; c) ameaçar distribuir as imagens íntimas/sexuais 24.2%				

Autor(es) e ano de publicação	Principais resultados					
	Abuso em contexto de rutura de relacionamento íntimo					
	Prevalência	Motivações	Impacto	Estratégias de <i>Coping</i>	Percepções	Outros
Reed et al. (2019)	6.4% das vítimas, relatou que o seu perpetrador se encaixava na categoria “outro”, sendo que a maioria destas relatou que seria um ex-namorado. Destas, 10.3% sofreu pressão para enviar uma fotografia íntima/sexual, 3.4% recebeu mensagens ou fotografias íntimas/sexuais indesejadas, 16.7% foi vítima da partilha não consensual de imagens íntima/sexuais e 9.4% recebeu uma solicitação sexual indesejada					
Reed et al. (2020)			Uma das piores experiências de abuso digital no namoro, consistiu em insultos que em pelo menos um caso, foram relativos à sexualidade e ocorreram como forma de retaliação pelo término do namoro			
Rey et al. (2021)						O instrumento prevê que as principais vítimas e perpetradores sejam parceiros íntimos, ex-parceiros íntimos e amigos
Ridder (2019)					Percecionam a vingança como uma motivação	
Setty (2019)					Percecionado como negativo/ incorreto	

Autor(es) e ano de publicação	Principais resultados					
	Abuso em contexto de rutura de relacionamento íntimo					
	Prevalência	Motivações	Impacto	Estratégias de <i>Coping</i>	Perceções	Outros
Setty (2020)					Participantes do género masculino percebem o <i>sexting</i> não consensual como mais grave quando a vítima é uma namorada ou ex-namorada	
Van Ouytsel et al. (2017)					Motivações percebidas são a exposição de imagens como forma de vingança após o término da relação; as imagens obtidas através de <i>sexting</i> são percebidas como forma de reatar a relação após o término	
Walker et al. (2013)					**A maioria percebe as motivações como chantagem, vingança ou ameaça, no momento da rutura da relação, principalmente para o género feminino	

** Em rigor, desconhece-se se quais destes resultados se aplicam exclusivamente a participantes adolescentes (12-18).

Discussão

A presente revisão sistemática procurou analisar a violência sexual facilitada pela tecnologia em adolescentes, num contexto de rutura relacional, nomeadamente, a sua prevalência, as motivações, o impacto, as estratégias de coping e as percepções, dos adolescentes vítimas deste fenómeno, sendo que os resultados obtidos revelam uma realidade com uma dimensão preocupante.

Uma das principais conclusões é a quantidade limitada de investigação sobre o tema, uma vez que, nesta revisão sistemática foram incluídos 22 estudos, mas apenas um se focou exclusivamente no contexto de rutura relacional (Hasinoff, 2017) sublinhando que é necessário um maior reconhecimento e investimento da comunidade científica nesta temática.

Para além de escasso, o interesse da comunidade científica parece, também, ser muito recente, com uma grande parte dos estudos a serem publicados no ano 2022. Se, por um lado, tal demonstra a contemporaneidade deste tema, por outro, é igualmente expectável, tendo em conta que o uso das TIC por parte dos adolescentes tem vindo a aumentar significativamente nos últimos anos (Dienlin & Johannes, 2020; Ponte & Simões, 2019; Smahel et al., 2020; Vogels et al., 2022).

Adicionalmente constata-se que, enquanto objeto de estudo, assume maior visibilidade nos continentes Americano e Europeu. Na origem deste facto podem estar várias explicações, seja o desenvolvimento tecnológico que assume uma posição de destaque nestes continentes ou, eventualmente, uma maior consciencialização para estas problemáticas. Importa, também, reforçar que em Portugal, o investimento científico neste domínio parece inexistente, e que o reconhecimento legal de alguns destes comportamentos é, também, muito recente (e.g. Lei n.º 26/2023 de 30 de Maio).

A violência sexual facilitada pela tecnologia pode compreender vários comportamentos, sendo que a maioria dos estudos privilegiou a análise do *sexting* e abuso sexual baseado em imagens (e.g. Lippman & Campbell, 2014 e Huber, 2022), destacando a necessidade de um maior reconhecimento sobre fenómenos como o assédio, *sextortion*, entre outros. Por exemplo, o estudo de Wolak et al. (2018) retrata que a maioria dos perpetradores de *sextortion* são parceiros(as) íntimos atuais ou ex-parceiros(as) íntimos. Além disso, conclui-se que nos 22 estudos incluídos, não raras vezes, os comportamentos que caracterizavam o fenómeno eram os mesmos, ainda que a denominação fosse diferente. Se esta heterogeneidade concetual pode ajudar a compreender o fenómeno de forma ampla e exaustiva, pode também inviabilizar a possibilidade de obter um retrato fidedigno da sua extensão, dinâmicas e impacto, o que nos permitiria delinear estratégias de prevenção e intervenção efetivas (e.g. McGlynn & Rackley, 2017; Patel & Roesch, 2022).

As taxas de prevalência sobre a violência sexual facilitada pela tecnologia, relatadas nos estudos e associadas ao contexto de rutura de um relacionamento íntimo retratam que as vítimas foram ex-parceiros,

nos seguintes comportamentos: ameaçar distribuir as imagens íntimas/sexuais (24.2%), distribuição não consensual de imagens íntimas/sexuais (21.6%) e tirar/criar imagens íntimas/sexuais sem consentimento (17.8%) (Powell et al., 2022). O estudo de Reed et al. (2019) demonstrou que 6.4% das vítimas relataram que o seu perpetrador se encaixava na categoria “outro”, sendo que a maioria destas relatou que seria um ex-parceiro(a) íntimo(a). Destas 16.7% reportou ter sido alvo de partilha não consensual de imagens íntimas/sexuais, 10.3% de pressão para enviar uma fotografia íntima/sexual, 9.4% de solicitações sexuais indesejadas e 3.4% de mensagens ou fotografias íntimas/sexuais indesejadas. Estes resultados sugerem que poucos estudos procuram analisar as taxas de prevalência distinguindo-as para os diferentes contextos em que a violência sexual facilitada pela tecnologia pode ocorrer (e.g. contexto de amizade, relação íntima, rutura de relacionamento íntimo, desconhecidos, entre outros) Contudo, os estudos de Powell et al. (2022) e Reed et al. (2019) evidenciam números consideráveis de ex-parceiros como perpetradores/ vítimas, sublinhando a ocorrência da violência sexual facilitada pela tecnologia no contexto de rutura de um relacionamento íntimo. Não obstante, os questionários de autorrelato acabam por estar sujeitos às interpretações que cada participante faz acerca das questões, além de que estes podem responder de acordo com aquilo que é desejável socialmente e estes fatores podem contribuir para alguma variabilidade nestas taxas de prevalência.

Diversos estudos apontam como motivação para a prática da violência sexual facilitada pela tecnologia a vingança pelo término da relação, existindo até a denominação “pornografia de vingança” (Dodge, 2021; Walker & Sleath, 2017). Porém, nesta revisão sistemática verifica-se que apenas um estudo se focou exclusivamente nesse contexto. Tal pode dever-se ao facto de recentemente os estudos apontarem outras motivações além dessa (e.g. reforço social) e também outros contextos para a ocorrência da violência sexual facilitada pela tecnologia (e.g. contexto de amizade; Henry et al., 2019; Walker & Sleath, 2017) e talvez por esse motivo, a maioria dos estudos incluídos nesta revisão teve uma abordagem vasta, incluindo diversos contextos (e.g. Reed et al., 2019). Assim, esta revisão sistemática também verificou que o término do relacionamento parece por si só originar a violência sexual facilitada pela tecnologia (Aborisade, 2022). No entanto, motivações como punição, humilhação, retribuição, tentativa de manutenção do relacionamento, intimidação ou exercício de poder e de controlo evidenciam que, mesmo neste contexto, as motivações dos perpetradores não se esgotam na vingança.

Quanto ao impacto psicossocial da violência sexual facilitada pela tecnologia nas vítimas, no contexto de rutura de um relacionamento íntimo, os estudos descrevem um impacto intenso e significativo em termos psicológicos (baixa auto-estima, sentimentos de inutilidade), relacionais (perda de confiança, isolamento e rutura de relações sociais) (e.g. Huber, 2022) e de estigmatização (vergonha, intensificada pelo contexto em que as imagens foram distribuídas, a família) (Mortensen, 2020). Estes resultados são análogos aos

encontrados nos diversos fenómenos abrangidos pela violência sexual facilitada pela tecnologia que incluem também outros contextos (e.g. contexto de relações de intimidade, amizade, entre outros) (Mandau, 2021; Patel & Roesch, 2022), pese embora, neste domínio relativo ao impacto, seja necessária maior investigação e esclarecimento científico, nomeadamente, sobre fatores de risco (e.g. gravidade, duração) e de proteção (e.g. *coping*) face a um maior impacto.

Dois dos estudos incluídos nesta revisão sistemática demonstraram também a existência de algumas estratégias de *coping* utilizadas pelos adolescentes para lidar com a violência sexual facilitada pela tecnologia neste contexto, estando em estudo concretamente os fenómenos de assédio sexual *online* e agressão sexual digital (sob a forma de partilha não consensual de imagens íntimas) (Eek-Karlsson et al., 2022; Mortensen, 2020). Essas estratégias consistiram em evitar ou normalizar o problema (Eek-Karlsson et al., 2022; Mortensen, 2020) e/ou ter procurado ajuda junto de autoridades policiais ou judiciais (Mortensen, 2020). Tendo em conta que estas estratégias decorrem de comportamentos *online*, parecem apresentar-se como ajustadas à forma como jovens podem lidar com estas situações e, com efeito, apresentam-se como eficazes para os participantes que as elencam. Porém, do que nos foi possível apurar, a literatura não tem ainda dado muito destaque a este domínio, sendo poucos os estudos que analisam estratégias de *coping* para a violência sexual facilitada pela tecnologia e não se focando exclusivamente nem no contexto de rutura, nem na população adolescente (e.g. O'Malley, 2023). De qualquer forma, procurar uma resposta multidisciplinar e abrangente, incluindo estratégias como procurar apoio junto da sua rede social ou procurar ajuda de um profissional da área da saúde mental foram já reportadas como frequentes (e.g. O'Malley, 2023; Scarduzio et al., 2018) e, no nosso estudo, tal não se apurou. Por outras palavras, é importante assumir-se uma ação concertada para se lidar com estes fenómenos, incluindo proporcionar o apoio especializado a nível psicológico e jurídico às vítimas (e.g. informação sobre direitos e preservação das provas, facilitar os mecanismos de denúncia e de proteção).

As perceções dos adolescentes acerca da violência sexual facilitada pela tecnologia prendem-se essencialmente com o facto de estes considerarem a prática de cada fenómeno, ainda que de forma consensual, por um lado, um risco para o ciberabuso no momento da rutura, ou então como algo inevitável, com motivações como a vingança, ameaça ou chantagem (Lippman & Campbell, 2014; Meehan, 2022; Perry et al., 2022; Ridder, 2019; Van Ouytsel et al., 2017; Walker et al., 2013). Ora, sendo que, efetivamente uma das motivações apresentadas na literatura sobre este tema é a vingança aquando do término (Walker & Sleath, 2017), e que comumente surgem notícias na comunicação social dando conta que ex-parceiros distribuíram fotografias ou vídeos íntimos como forma de vingança ou retaliação (McGlynn & Rackley, 2017), torna-se expectável que os jovens detenham essa mesma perceção que os estudos documentam.

De forma geral, esta revisão sistemática permitiu esclarecer a atualidade desta temática e a necessidade de mais estudos abordarem, de forma independente, os diferentes contextos em que a violência sexual facilitada pela tecnologia ocorre, para que se possam distinguir, identificar eventuais diferenças e assim contribuir para uma maior compreensão dos fenómenos adaptados a cada contexto.

Todavia, esta revisão sistemática tem também limitações. Primeiramente, um dos critérios de inclusão foi os estudos terem sido publicados em português, inglês ou espanhol, tornando-se uma limitação de idioma que pode significar também uma restrição às diferentes perspetivas culturais existentes. Além disso, foram incluídos estudos cuja amostra, apesar de incluir adolescentes incluía também jovens adultos e/ou adultos, o que complexifica a atribuição dos resultados existentes, pois não são distinguidos por faixa etária. Tal também demonstra a necessidade de pesquisas futuras para as diferentes populações, uma vez que, estudos atuais indicam que os adolescentes e jovens adultos são mais vulneráveis ou propensos à vitimação pela violência sexual facilitada pela tecnologia (Eaton et al., 2017; Lenhart et al., 2016; Patchin & Hinduja, 2020). Uma outra limitação relaciona-se com o facto de apenas um estudo se ter focado exclusivamente em analisar o contexto de rutura de um relacionamento íntimo, sendo que os restantes incluíram também outros contextos. Ademais, a avaliação do risco de viés e da qualidade metodológica é um processo que necessariamente envolve alguma subjetividade e que deixa também a descoberto algumas limitações nos estudos incluídos.

Conclusões e Implicações

A violência sexual facilitada pela tecnologia no contexto pós-rutura afigura-se como um problema social grave e relevante, merecedor de atenção por si mesmo, não só devido à elevada prevalência, como também, às diferentes motivações que lhe estão associadas, (in)adequadas estratégias de coping e potenciais consequências nefastas que implica.

A presente revisão sistemática apresenta-se como um ponto de partida para a compreensão deste fenómeno, sendo notória a necessidade de uma ação multifacetada, envolvendo os adolescentes (como potenciais vítimas, perpetradores e/ou *bystanders*), as suas famílias e a sociedade em que se inserem, no combate a esta problemática. Ora, os pais podem assumir uma postura mais participativa e de maior disponibilidade relativamente às atividades digitais dos filhos, supervisionando-as. Por sua vez, o meio em que os adolescentes se inserem tem também um papel preponderante, a saber: a educação nas escolas pode formar as crianças e adolescentes para a privacidade, a literacia e a segurança digital, promover ações de sensibilização acerca da violência sexual facilitada pela tecnologia; os profissionais da área da saúde mental, atendendo às taxas de prevalência e ao impacto retratados nesta revisão, devem estar preparados para apoiar

e intervir, seja no âmbito da prevenção primária, secundária ou terciária; na ação multissetorial (e.g. empresas de tecnologia), no desenvolvimento de práticas que permitam a deteção precoce e a denúncia deste tipo de fenómenos; e, na esfera política, destaca-se a urgência de que a legislação acompanhe o avanço tecnológico e, concretamente, o cibercrime, para um combate efetivo a esta problemática através de meios legislativos, tanto a nível nacional como internacional, que protejam as vítimas e responsabilizem os perpetradores. Um bom exemplo disso em Portugal é a muito recente lei n.º 26/2023 que reforça a proteção das vítimas de crimes de disseminação não consensual de conteúdos íntimos (e.g. pornografia de vingança). O combate eficaz à violência sexual facilitada pela tecnologia dependerá desse esforço conjunto.

Referências Bibliográficas:

- *Aborisade, R. A. (2022). Image-based sexual abuse in a culturally conservative Nigerian society: Female victims' narratives of psychosocial costs. *Sexuality Research & Social Policy: Journal of NSRC: SR & SP*, 19(1), 220–232. <https://doi.org/10.1007/s13178-021-00536-3>
- Baker, C. K., & Carreño, P. K. (2015). Understanding the Role of Technology in Adolescent Dating and Dating Violence. *Journal of Child and Family Studies*, 24(1), 308–320. <https://doi.org/10.1007/s10826-015-0196-5>
- Barroso, R., Marinho, A. R., Figueiredo, P., Ramião, E., & Silva, A. S. (2022). Consensual and Non-consensual Sexting Behaviors in Adolescence: A Systematic Review. *Adolescent Research Review*, 8(1), 1–20.
- Barroso, R., Ramião, E., Figueiredo, P., & Araújo, A. M. (2021). Abusive sexting in adolescence: Prevalence and characteristics of abusers and victims. *Frontiers in Psychology*, 12, 610474. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.610474>
- *Bindesbøl Holm Johansen, K., Pedersen, B. M., & Tjørnhøj-Thomsen, T. (2019). Visual gossiping: non-consensual “nude” sharing among young people in Denmark. *Culture, Health & Sexuality*, 21(9), 1029–1044. <https://doi.org/10.1080/13691058.2018.1534140>
- Brown, C., & Hegarty, K. (2021). Development and validation of the TAR Scale: A measure of technology-facilitated abuse in relationships. *Computers in Human Behavior Reports*, 3, 100059. <https://doi.org/10.1016/j.chbr.2021.100059>
- Caridade, S., Braga, T., & Borrajo, E. (2019). Cyber dating abuse (CDA): Evidence from a systematic review. *Aggression and Violent Behavior*, 48, 152–168. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2019.08.018>
- Dienlin, T., & Johannes, N. (2020). The impact of digital technology use on adolescent well-being. *Dialogues in Clinical Neuroscience*, 22(2), 135–142. <https://doi.org/10.31887/DCNS.2020.22.2/dienlin>
- Dodge, A. (2021). Trading nudes like hockey cards: Exploring the diversity of ‘revenge porn’ cases responded to in law. *Social & Legal Studies*, 30(3), 448–468.
- Eaton, A. A., Jacobs, H., & Ruvalcaba, Y. (2017). Nationwide online study of nonconsensual porn victimization and perpetration: A summary report. *Cyber Civil Rights Initiative*.
- *Eaton, A. A., Noori, S., Bonomi, A., Stephens, D. P., & Gillum, T. L. (2021). Nonconsensual porn as a form of intimate partner violence: Using the Power and Control Wheel to understand nonconsensual porn perpetration in intimate relationships. *Trauma, Violence & Abuse*, 22(5), 1140–1154. <https://doi.org/10.1177/1524838020906533>
- *Eek-Karlsson, L., Berggren, J., & Torpsten, A. C. (2022). Beating around the bush-Swedish schoolgirls' coping strategies and impact processes of sexual harassment. *Sexuality & Culture*, 27(2), 415–434.
- Fernet, M., Lapierre, A., Hébert, M., & Cousineau, M.-M. (2019). A systematic review of literature on cyber intimate partner victimization in adolescent girls and women. *Computers in Human Behavior*, 100, 11–25. <https://doi.org/10.1016/j.chb.2019.06.005>
- Frankel, A. S., Bass, S. B., Patterson, F., Dai, T., & Brown, D. (2018). Sexting, risk behavior, and mental health in adolescents: An examination of 2015 Pennsylvania youth Risk Behavior Survey data. *The Journal of School Health*, 88(3), 190–199. <https://doi.org/10.1111/josh.12596>

- Gaete, V. (2015). Desarrollo psicosocial del adolescente. *Revista Chilena de Pediatría*, 86(6), 436–443. <https://doi.org/10.1016/j.rchipe.2015.07.005>
- Gaspar, T., Matos, G. M., Guedes, B. F., Cerqueira, A., Branquinho, C., Simões, C., Tomé, G., Reis, M., Ramiro, L., Marques, A., Camacho, I., Loureiro, N., Gaspar, S., Carvalho, M., Raimundo, M., Ramos, M., Moraes, B., Noronha, C., Sousa, B. S., ... & Costa, R. (2022). *A saúde dos adolescentes portugueses em contexto de pandemia: Dados nacionais do estudo HBSC 2022*. https://aventurasocial.com/wpcontent/uploads/2022/12/HBSC_Relato%CC%81rioNacional_2022.pdf
- Granic, I., Morita, H., & Scholten, H. (2020). Beyond Screen Time: Identity Development in the Digital Age. *Psychological Inquiry*, 31(3), 195–223. <https://doi.org/10.1080/1047840x.2020.1820214>
- *Hasinoff, Amy Adele. (2017). Sexting and Privacy Violations: A Case Study of Sympathy and Blame. *International Journal of Cyber Criminology*, 11(2), 202–217. <https://doi.org/10.5281/zenodo.1037391>
- Henry, N., & Powell, A. (2016). Sexual violence in the digital age: The scope and limits of criminal law. *Social & Legal Studies*, 25(4), 397–418. <https://doi.org/10.1177/0964663915624273>
- Henry, N., Flynn, A., & Powell, A. (2019). Responding to 'revenge Pornography': Prevalence, Nature and Impacts. *Criminology Research Grants Program, Australian Institute of Criminology*.
- *Henry, N., Gavey, N., & Johnson, K. (2022). Image-Based Sexual Abuse as a Means of Coercive Control: Victim-Survivor Experiences. *Violence Against Women*, 29(6–7), 1206–1226. <https://doi.org/10.1177/1077801222114918>
- *Henry, Nicola, Gavey, N., McGlynn, C., & Rackley, E. (2022). 'Devastating, like it broke me': Responding to image-based sexual abuse in Aotearoa New Zealand. *Criminology & Criminal Justice: The International Journal of Policy and Practice*, 174889582210972. <https://doi.org/10.1177/17488958221097276>
- Hong, Q. N., Fàbregues, S., Bartlett, G., Boardman, F., Cargo, M., Dagenais, P., Gagnon, M.-P., Griffiths, F., Nicolau, B., O' Cathain, A., Rousseau, M.-C., Vedel, I., & Pluye, P. (2018). The Mixed Methods Appraisal Tool (MMAT) version 2018 for information professionals and researchers. *Education for information*, 34(4), 285–291. <https://doi.org/10.3233/efi-180221>
- *Huber, A. (2022). 'A shadow of me old self': The impact of image-based sexual abuse in a digital society. *International Review of Victimology*, 29(2), 199–216. <https://doi.org/10.1177/02697580211063659>
- Instituto Nacional de Estatística [Statistical National Institute]. (2022). *Sociedade da Informação e do Conhecimento. Inquérito à Utilização de Tecnologias da Informação e da Comunicação pelas Famílias 2022*.
- Lei n.º26/2023 de 30 de Maio. *Diário da República*. <https://diariodarepublica.pt/dr/detalhe/lei/26-2023-213706993>
- Lenhart, A., Smith, A., Anderson, M., Duggan, M., & Perrin, A. (2015). *Teens, Technology and Friendships*. Pew Research Center.
- Lenhart, A., Anderson, M., & Smith, A. (2015). *Teens, technology and romantic relationships*. Pew Research Center.
- Lenhart, A., Ybarra, M., & Price-Feeney, M. (2016). Nonconsensual Image Sharing: One in 25 Americans Has Been a Victim of "Revenge Porn". *Data & Society Research Institute*.

- *Lippman, J. R., & Campbell, S. W. (2014). Damned if you do, damned if you don't...if you're a girl: Relational and normative contexts of adolescent sexting in the United States. *Journal of Children and Media*, 8(4), 371–386. <https://doi.org/10.1080/17482798.2014.923009>
- Mandau, M. B. H. (2021). “Snaps”, “screenshots”, and self-blame: A qualitative study of image-based sexual abuse victimization among adolescent Danish girls. *Journal of Children and Media*, 15(3), 431–447. <https://doi.org/10.1080/17482798.2020.1848892>
- McGlynn, C., & Rackley, E. (2017). Image-Based Sexual Abuse. *Oxford journal of legal studies*, 37(3), 534–561. <https://doi.org/10.1093/ojls/gqw033>
- McHugh, M. L. (2012). Interrater reliability: the kappa statistic. *Biochemia Medica*, 22(3), 276–282. <https://doi.org/10.11613/bm.2012.031>
- McMillan, I. F., O'Connor, V., Richie, F., & Langhinrichsen-Rohling, J. (2022). Look who's lurking: The role of uncertainty intolerance and various emotion dysregulation strategies on cyber psychological abuse and social media surveillance. *Partner Abuse*, 13(1), 123.1-143. <https://doi.org/10.1891/pa-2021-0030>
- *Meehan, C. (2022). 'I guess girls can be more emotional': Exploring the complexities of sexual consent with young people. *Sexualities*, 25(5-6), 821-841.
- Moher, D., Liberati, A., Tetzlaff, J., Altman, D. G., & PRISMA Group. (2009). Preferred reporting items for systematic reviews and meta-analyses: the PRISMA statement. *PLoS Medicine*, 6(7), e1000097. <https://doi.org/10.1371/journal.pmed.1000097>
- *Mortensen, S. U. (2020). Defying shame: Shame-relations in digital sexual assault. *MedieKultur Journal of Media and Communication Research*, 36(67), 100–120. <https://doi.org/10.7146/mediekultur.v36i67.113960>
- Muncaster, L., & Ohlsson, I. (2020). Sexting: predictive and protective factors for its perpetration and victimisation. *The Journal of Sexual Aggression*, 28(3), 346–358. <https://doi.org/10.1080/13552600.2019.1645220>
- *Naezer, M., & van Oosterhout, L. (2021). Only sluts love sexting: youth, sexual norms and non-consensual sharing of digital sexual images. *Journal of Gender Studies*, 30(1), 79–90. <https://doi.org/10.1080/09589236.2020.1799767>
- O'Malley, R. L. (2023). Short-term and long-term impacts of financial sextortion on victim's mental well-being. *Journal of Interpersonal Violence*, 8862605231156416. <https://doi.org/10.1177/08862605231156416>
- Ouzzani, M., Hammady, H., Fedorowicz, Z., & Elmagarmid, A. (2016). Rayyan—a web and mobile app for systematic reviews. *Systematic reviews*, 5(1). <https://doi.org/10.1186/s13643-016-0384-4>
- Page, M. J., McKenzie, J. E., Bossuyt, P. M., Boutron, I., Hoffmann, T., Mulrow, C. D., Shamseer, L., & Moher, D. (2020). Mapping of reporting guidance for systematic reviews and meta-analyses generated a comprehensive item bank for future reporting guidelines. *Journal of Clinical Epidemiology*, 118, 60–68. <https://www.doi.org/10.1016/j.jclinepi.2019.11.010>
- Patchin, J. W., & Hinduja, S. (2020). Sextortion among adolescents: Results from a national survey of U.s. youth. *Sexual Abuse: A Journal of Research and Treatment*, 32(1), 30–54. <https://doi.org/10.1177/1079063218800469>
- Patel, U., & Roesch, R. (2022). The prevalence of technology-facilitated sexual violence: A meta-analysis and systematic review. *Trauma, Violence & Abuse*, 23(2), 428–443. <https://doi.org/10.1177/1524838020958057>

- Pedersen, W., Bakken, A., Stefansen, K., & von Soest, T. (2023). Sexual victimization in the digital age: A population-based study of physical and image-based sexual abuse among adolescents. *Archives of Sexual Behavior*, 52(1), 399–410. <https://doi.org/10.1007/s10508-021-02200-8>
- Pence, E., & Paymar, M. (1993). *Education groups for men who batter: The Duluth model*. Springer Publishing Company.
- *Perry, K., Ricciardelli, R., & Adorjan, M. (2022). The gendered dynamics of sexting as boundary work. *Young*, 30(4), 400–418. <https://doi.org/10.1177/110330882211076615>
- Ponte, C., & Batista, S. (2019). EU Kids Online Portugal. Usos, competências, riscos e mediações da internet reportados por crianças e jovens (9-17 anos) [EU Kids Online Portugal. Internet uses, skills, risks, and mediations reported by children and youth (9-17-years-old)]. EU Kids Online. Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. [http://pnl2027.gov.pt/np4/%7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=676&fileName=relatoriofinaleukidsonline.pdf](http://pnl2027.gov.pt/np4/%7B$clientServletPath%7D/?newsId=676&fileName=relatoriofinaleukidsonline.pdf)
- *Powell, A., Scott, A. J., Flynn, A., & McCook, S. (2022). Perpetration of image-based sexual abuse: Extent, nature and correlates in a multi-country sample. *Journal of Interpersonal Violence*, 37(23–24), NP22864–NP22889. <https://doi.org/10.1177/08862605211072266>
- *Reed, E., Salazar, M., Behar, A. I., Agah, N., Silverman, J. G., Minnis, A. M., Rusch, M. L. A., & Raj, A. (2019). Cyber Sexual Harassment: Prevalence and association with substance use, poor mental health, and STI history among sexually active adolescent girls. *Journal of Adolescence*, 75(1), 53–62. <https://doi.org/10.1016/j.adolescence.2019.07.005>
- *Reed, L. A., Conn, K., & Wachter, K. (2020). Name-calling, jealousy, and break-ups: Teen girls' and boys' worst experiences of digital dating. *Children and Youth Services Review*, 108(104607), 104607. <https://doi.org/10.1016/j.chilyouth.2019.104607>
- *Rey, D., Ojeda, R., & Casas, M. (2021). Validation of the Sexting Behavior and Motives Questionnaire. *Psicothema*, 33(2), 287–295.
- *Ridder, S. (2019). Sexting as sexual stigma: The paradox of sexual self-representation in digital youth cultures. *European Journal of Cultural Studies*, 22(5–6), 563–578. <https://doi.org/10.1177/1367549418810080>
- Scarduzio, J. A., Sheff, S. E., & Smith, M. (2018). Coping and sexual harassment: How victims cope across multiple settings. *Archives of Sexual Behavior*, 47(2), 327–340. <https://doi.org/10.1007/s10508-017-1065-7>
- Sciacca, B., Mazzone, A., Loftsson, M., O'Higgins Norman, J., & Foody, M. (2023). Nonconsensual dissemination of sexual images among adolescents: Associations with depression and self-esteem. *Journal of Interpersonal Violence*, 8862605231165777. <https://doi.org/10.1177/08862605231165777>
- *Setty, E. (2019). Meanings of bodily and sexual expression in youth sexting culture: Young women's negotiation of gendered risks and harms. *Sex Roles*, 80(9–10), 586–606. <https://doi.org/10.1007/s11199-018-0957-x>
- *Setty, E. (2020). 'Confident' and 'hot' or 'desperate' and 'cowardly'? Meanings of young men's sexting practices in youth sexting culture. *Journal of Youth Studies*, 23(5), 561–577. <https://doi.org/10.1080/13676261.2019.1635681>

- Smahel, D., Machackova, H., Mascheroni, G., Dedkova, L., Staksrud, E., Ólafsson, K., ... Hasebrink, U. (2020). *EU Kids Online 2020: Survey results from 19 countries*. EU Kids Online, London School of Economics & Political Science. <https://doi.org/10.21953/lse.47fdeqj01of0>
- Stonard, K. E., Bowen, E., Lawrence, T. R., & Price, S. A. (2014). The relevance of technology to the nature, prevalence and impact of Adolescent Dating Violence and Abuse: A research synthesis. *Aggression and Violent Behavior, 19*(4), 390–417. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2014.06.005>
- Strasburger, V. C., Zimmerman, H., Temple, J. R., & Madigan, S. (2019). Teenagers, sexting, and the law. *Pediatrics, 143*(5), e20183183. <https://doi.org/10.1542/peds.2018-3183>
- Subrahmanyam, K., & Greenfield, P. M. (2008). Communicating online: Adolescent relationships and the media. *The Future of Children, 18*(1), 1-27.
- *Van Ouytsel, J., Van Gool, E., Walrave, M., Ponnet, K., & Peeters, E. (2017). Sexting: Adolescents' perceptions of the applications used for, motives for, and consequences of sexting. *Journal of Youth Studies, 20*(4), 446-470.
- Vaterlaus, J. M., Tulane, S., Porter, B. D., & Beckert, T. E. (2018). The perceived influence of media and technology on adolescent romantic relationships. *Journal of Adolescent Research, 33*(6), 651–671. <https://doi.org/10.1177/0743558417712611>
- Vogels, E. A., Gelles-Watnick, R., & Massarat, N. (2022). *Teens, social media and technology 2022*. <https://policycommons.net/artifacts/2644169/teens-social-media-and-technology-2022/3667002/>
- Walker, K., & Sleath, E. (2017). A systematic review of the current knowledge regarding revenge pornography and non-consensual sharing of sexually explicit media. *Aggression and Violent Behavior, 36*, 9–24. <https://doi.org/10.1016/j.avb.2017.06.010>
- *Walker, S., Sanci, L., & Temple-Smith, M. (2013). Sexting: young women's and men's views on its nature and origins. *The Journal of Adolescent Health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine, 52*(6), 697–701. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2013.01.026>
- Widman, L., Javidi, H., Maheux, A. J., Evans, R., Nesi, J., & Choukas-Bradley, S. (2021). Sexual communication in the digital age: Adolescent sexual communication with parents and friends about sexting, pornography, and starting relationships online. *Sexuality & Culture, 25*(6), 2092–2109. <https://doi.org/10.1007/s12119-021-09866-1>
- Wolak, J., Finkelhor, D., Walsh, W., & Treitman, L. (2018). Sextortion of minors: Characteristics and dynamics. *The Journal of Adolescent Health: Official Publication of the Society for Adolescent Medicine, 62*(1), 72–79. <https://doi.org/10.1016/j.jadohealth.2017.08.014>
- Zweig, J. M., Dank, M., Yahner, J., & Lachman, P. (2013). The rate of cyber dating abuse among teens and how it relates to other forms of teen dating violence. *Journal of Youth and Adolescence, 42*(7), 1063–1077. <https://doi.org/10.1007/s10964-013-9922-8>